

FERROVIAS: POR QUE O TRANSPORTE É TÃO CARO?

Dinheira Burra!



A REVISTA DO AGR

Como o usineiro Cícero

Junqueira Franco bloqueou a oferta da Gosan pela Vale do Rosário, reuniu investidores de peso e costurou um dos maiores acordos societários do agronegócio. Seu próximo desafio: criar uma empresa de R\$ 4 bilhões

JUNQUEIRA FRANCO:
"Sou galo de briga e não gosto que invadam o meu território"

ELE VENCEU A GUERRA DO ETANOL



BOI NO PREGÃO

Friboi prepara sua oferta de ações e será o primeiro frigorífico na bolsa

TENDÊNCIA

Como a onda dos biocombustíveis vai elevar o valor das commodities

A VEZ DO MILHO

Os produtores festejam alta nos preços e chegada dos transgênicos

Ano 4 - Edição 029 R\$ 9,90

Março/2007

ISSN 1807-3700

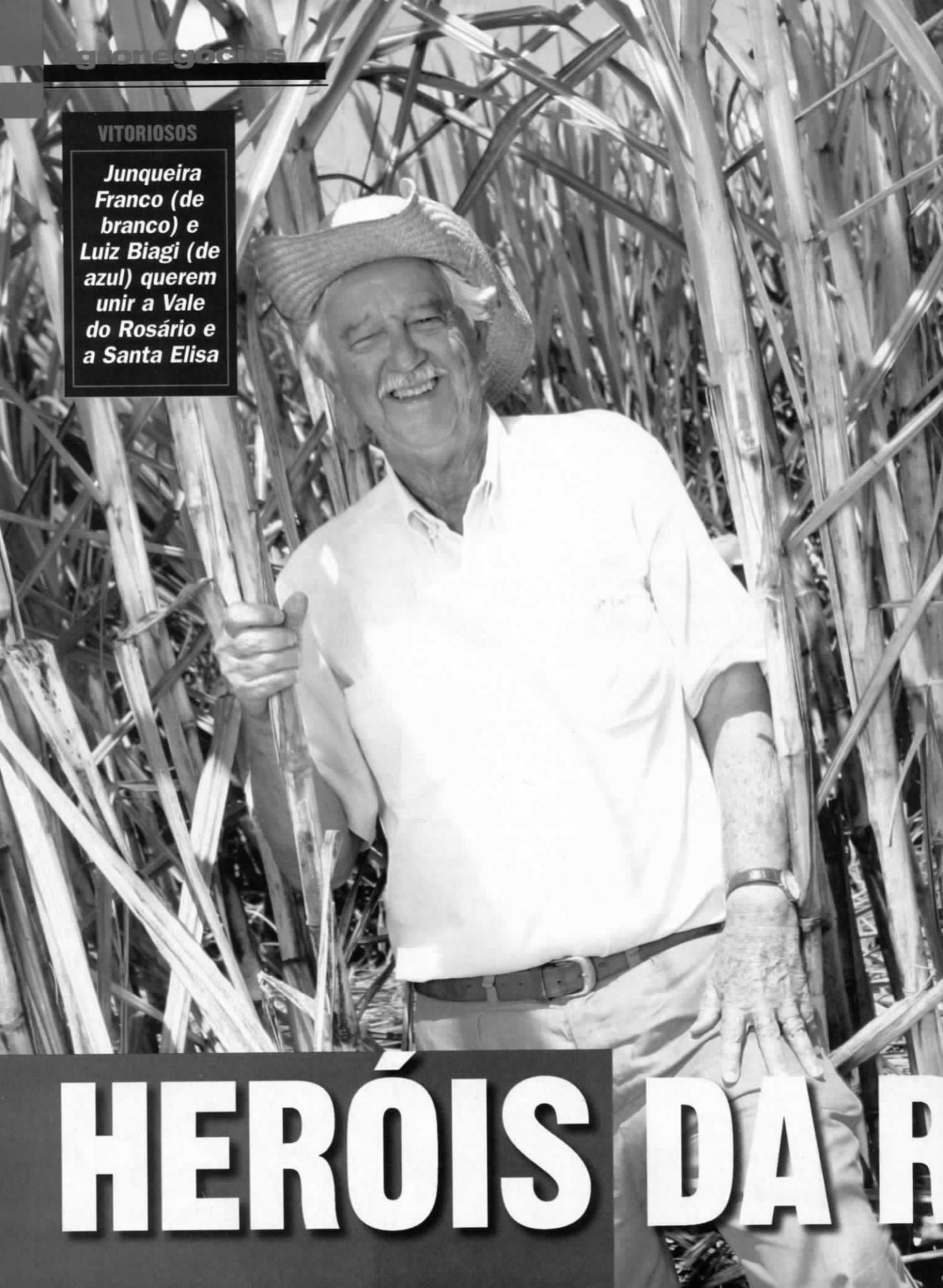


00029 771807370009



VITORIOSOS

Junqueira Franco (de branco) e Luiz Biagi (de azul) querem unir a Vale do Rosário e a Santa Elisa



HERÓIS DA R

Os usineiros Cícero Junqueira Franco e Luiz Biagi bloquearam a venda da Vale do Rosário, uniram-se a grandes investidores e estão criando um gigante do etanol que irá valer R\$ 4 bilhões

Fabiane Stefano e Leonardo Attuch

Na manhã de 27 de fevereiro, quando os acionistas da Companhia Açucareira Vale do Rosário receberam cheques pela venda das participações na empresa, chegou ao fim uma das mais espetaculares guerras já travadas no mundo empresarial brasileiro. Entre as tropas adversárias, estavam Rubens Ometto, dono da Cosan, líder do setor, e duas companhias globais, Bunge e Cargill, que lançaram ofertas para a compra da Vale do Rosário. No eixo aliado, os heróis da resistência foram a família Junqueira Franco, que teve à frente o patriarca Cícero, de 75 anos, e o clã Biagi, liderado por Luiz, que conduziu quatro irmãos e dois herdeiros de irmãs já falecidas. Após dois meses de intenso bombardeio, os generais Cícero Junqueira Franco e Luiz Biagi levantaram barricadas definitivas contra a ofensiva da Cosan, que ofereceu US\$ 785 milhões pelas ações da Vale do Rosário. Os dois, que tinham o direito de preferência e cerca de

MONTAGEM SOBRE FOTO DE HUMBERTO FRANCO

RESISTÊNCIA

20% da companhia, conseguiram em pouquíssimo tempo levantar os recursos para barrar a oferta da Cosan – idêntica à da Bunge. **“Admiro o Rubens Ometto, mas não gosto que invadam meu território porque sou galo de briga”, desabafou Cícero Junqueira Franco, com exclusividade à DINHEIRO RURAL.** O empresário que ajudou a fundar a Vale do Rosário em 1964 estava prestes a se aposentar, mas teve voltar às trincheiras. **“Foi mesmo uma guerra”, disse ele.**

O destino da Vale do Rosário começou a ser redesenhado há nove meses. Impressionados pelo boom do setor sucroalcooleiro, que inflacionou os preços das usinas de açúcar e álcool, uma parte dos acionistas que estava fora das operações executivas decidiu pôr a venda suas participações – que em alguns casos era de menos de 1%. Capitaneados pelo empresário Pedro de Camargo Netto, filho de um dos fundadores da usina, o grupo reuniu cerca de 23% da usina e se lançou a procurar um comprador.

De imediato, a Bunge se interessou pelo negócio, que poderia marcar a estreia da multinacional de grãos na produção de cana no Brasil. Afinal de contas, a Vale faz parte grupo de elite do setor sucroalcooleiro, com uma capacidade para moer 10 milhões de toneladas de cana. Seus índices de produtividade estão entre os maiores do País. **“Nos últimos 42 anos, a Vale cresceu em média 16,5% ao ano”, conta, orgulhoso, Cícero Junqueira Franco.** Mas os números espetaculares não foram sufi-



COLHEITA DA CANA A nova Vale terá capacidade para moer 20 milhões de toneladas e será a segunda do ranking

cientes para que a Bunge ignorasse os conflitos familiares. **“Eles queriam tudo ou nada”, diz um minoritário.** Curiosamente, a confusão que afugentou a Bunge serviu de estímulo a Rubens Ometto. Munida de uma equipe de advogados, a Cosan partiu para um trabalho de formiguinha entre os acionistas, que resultou em uma adesão de quase 52% à sua proposta.

Nessa hora, souo o alerta vermelho entre as famílias Junqueira e Biagi. **O ataque da Cosan colocaria em risco um plano que lentamente vinha sendo desenhado para unir a Vale do Rosário à Santa Elisa, que é**

controlada pelos Biagi. De acordo com o projeto, que vinha sendo traçado pelo Rabobank e pelo ING, as empresas seriam fundidas e depois lançariam ações na Bovespa. Juntas, as duas empresas poderiam moer na pró-

xima safra cerca de 20 milhões de toneladas de cana, colhidas de uma área de 250 mil hectares. Ficariam atrás apenas da Cosan, que tem capacidade duas vezes maior: **E se a empresa de Rubens Ometto adquirisse a Vale, cairia por terra uma expansão planejada pelos Biagi e pelos Junqueira Franco no Centro-Oeste. Uma dessas frentes inclui uma parceira com o empresário Jorge Maeda, rei do algodão.** Junto com a Vale do Rosário e a Santa Elisa, Maeda vai construir uma usina de açúcar e álcool em Goiás e cultivar uma área de 15 mil hectares de cana, num investimento de R\$ 200 milhões.

Curiosamente, essa derrota de Ometto foi cavada pelo próprio empresário há 12 anos, quando ele fez sua primeira investida contra a Vale do Rosário. Naquela ocasião, o empresário não conseguiu convencer os acionistas a venderem suas participações, mas despertou o conselho da empresa para necessidade de uma “blindagem”. Foi aí que nasceu o direito de preferência dos acionistas. Ao longo da disputa, outro lance deci-

US\$
785
MILHÕES

é o valor da oferta feita pela Vale do Rosário, que foi coberta pelos Biagi e Junqueira Franco

Os jogadores do exército vencedor...



LÁZARO BRANDÃO
Bradesco financiará a operação



ARMÍNIO FRAGA
Gávea irá aportar capital



ANTÔNIO KANDIR Seu fundo GG aderiu ao negócio

sivo foi a postura de Giordano Biagi, de 30 anos, e um dos filhos de Luiz. Acostumado à lógica do mercado financeiro, Giordano trabalhou durante vários anos na corretora Hedging Griffo e vinha cuidando do gestão dos recursos dos Biagi, num *family office*. Quando viu que a posição da família estava ameaçada, conseguiu convencer a todos de que seria possível estruturar uma operação capaz de vencer a oferta da Cosan. Ela consistia em atrair investidores e financiadores privados e depois partir para um lançamento de ações no mercado de capitais, um IPO. Tal idéia foi levada aos cinco irmãos Biagi – André, Luiz, Edilah, Beatriz e Alexandre – e ainda ao cunhado Oscar Americano e ao primo Vinícius Antonelli. Teve adesão geral. “Mais do que simplesmente ganhar um negócio, a idéia do Giordano uniu de vez a família”, disse à DINHEIRO RURAL um dos irmãos. E os investidores, de fato, vieram. Cerca de US\$ 200 milhões estão sendo aportados pelos fundos Gávea, de Armínio Fraga, e Governança e Gestão (GG), de Antônio Kandir. No caso da Gávea, o grande entusiasta do negócio foi Piero Minardi, que atua em São Paulo é um dos braços direitos de Armínio. Além disso, o restante do dinheiro veio do Bradesco, de Lázaro Brnadão – parte como dívida, que será assumida pela Vale do Rosário, e parte como capital. **Nesse ponto, mais uma vez, pesou a coragem da família Biagi, que deu em garantia as ações da usina Santa Elisa, que pertence à família.** “Todo o nosso patrimônio foi colocado em jogo nesse negócio”, diz um dos irmãos. “Sem essa ousadia,



MODERNIDADE Usinas da Vale do Rosário estão entre as mais produtivas do setor sucro-alcooleiro



eles não conseguiriam barrar a Cosan”, diz um executivo que assessorou Rubens Ometto no negócio.

No caso da família Junqueira Franco, o que os uniu foi um sentimento de honra e orgulho feridos. Ambos se sentiram traídos pelo superintendente da empresa, Ricardo Brito, e pelo presidente do conselho de administração, Eduardo Diniz Junqueira, que teriam atuado do lado de Rubens Ometto. Eduardo teria até dado uma declaração irônica a um jornal, justificando a mudança de lado. “O dinheiro une os inimigos e separa os amigos”, teria dito. Foi a gota d’água.

Depois disso, tanto o patriarca Cícero como seu primogênito, Cícero Filho, passaram a tratar o assunto como uma questão de vida ou morte. É quase certo que, na nova Vale do Rosário, Brito e Diniz Junqueira deixam a companhia e fiquem com a usina Frutal, cuja construção está quase concluída. Além dis-

so, os Junqueira Franco ficaram indignados com a atuação do advogado Marcelo Portela, ligado a Ometto, que teria se infiltrado nas assembleias para cooptar acionistas da Vale.

De qualquer forma, por mais que critiquem a postura agressiva de Rubens Ometto, a reação dos Junqueira

Filho e dos Biagi só foi possível em função da janela de oportunidade aberta pela Cosan. Há pouco mais de um ano, a empresa foi a primeira do agronegócio a ir ao mercado de capitais e, desde então, suas ações praticamente triplicaram de preço. **Hoje, a Cosan, com capacidade para moer 40 mil**

hões de toneladas de cana, vale cerca de R\$ 8 bilhões. Depois da Cosan, foi a vez da São Martinho, de João Guilherme Ometto, que também fez um IPO há pouco mais de um mês e cujas ações subiram mais de 20% deste então. Uma Vale do Rosário, unida à Santa Elisa e suas subsidiárias, seria o segundo maior grupo de açúcar e álcool do País, com capacidade para

US\$
200
MILHÕES

é o valor do investimento que está sendo feito pelos fundos Gávea e GG

... e os adversários dessa guerra



RUBENS OMETTO
Dono da Cosan fez oferta hostil



PEDRO CAMARGO
Sócio, ele uniu-se à Cosan



SÉRGIO WALDRICH
CEO da Bunge fez sua oferta



moer 20 milhões de toneladas de cana. **Numa regra de três simples, valeria cerca de R\$ 4 bilhões ou cerca de US\$ 2 bilhões. Isso mostra que, na operação idealizada por Giordano Biagi, há alguma dose de risco, mas também um prêmio bilionário para os “heróis da resistência”,** quando se leva em conta a oferta de US\$ 785 milhões, feita por Cosan e Bunge. No entanto, como um IPO não

ocorrerá em menos de seis meses, tudo depende de como estarão as condições de mercado no segundo semestre deste ano. “Essa reação dos Biagi e dos Junqueira Filho, com o apoio de bancos como o Bradesco e de investidores como o Armínio Fraga, mostra como anda aquecida a demanda por bons ativos no setor sucro-alcooleiro”, disse à DINHEIRO RURAL o diretor de um grande banco de investimentos.

A operação, que levará à fusão de Vale do Rosário e Santa Elisa, com um futuro IPO, marca também o ressurgimento dos Biagi. Maurílio, pai dos irmãos que agora se uniram contra a Cosan, foi o grande pioneiro do Pró-Álcool no Brasil e desbravou as regiões de Ribeirão Preto e Sertãozinho. Não apenas criou grandes usinas, como também comandou a Renk Zani, que é uma das grandes fornecedoras de equipamentos do setor, sendo a maior concorrente da Dedini. Nos fim dos anos 70, seus filhos mais velhos, Maurílio Filho e Luiz, já eram vistos

como prodígios e surgiam em capas de revistas de negócios. Como em muitas outras famílias, depois vieram os desentendimentos, as brigas e as rupturas – Maurílio Filho já estava fora da Santa Elisa e foi o único dos irmãos a não participar desta operação. Luiz, por sua vez, hibernou durante trinta anos e agora ressurgiu em grande estilo na cena empresarial. Apesar da tensão dessa guerra, ele ainda é amigo e reconhece o valor de Rubens Ometto. Numa conversa recente com Paulo Diniz, vice-presidente da Cosan, Luiz Biagi teria o dito o seguinte: “Aqui não há ganhadores ou perdedores; cada um defendeu o que julga ser seu”. **Rubens, por sua vez, ainda tentou um último lance, ao entrar na Justiça pedindo uma medida cautelar contra o financiamento do Bradesco à Vale do Rosário.** A liminar, no entanto, foi negada pelo juiz, no dia 23 de fevereiro. Foi só então que Cícero Junqueira Franco e Luiz Biagi puderam soltar os rojões. ■